



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

JÚLIA CAROLINE ARAÚJO DA SILVA

CARTOGRAFIA SOCIAL DA COMUNIDADE COSME E DAMIÃO NO
BAIRRO DA VÁRZEA - RECIFE: REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS DA
MEMÓRIA DE UM LUGAR

RECIFE

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

JÚLIA CAROLINE ARAÚJO DA SILVA

**CARTOGRAFIA SOCIAL DA COMUNIDADE COSME E DAMIÃO NO
BAIRRO DA VÁRZEA - RECIFE: REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS DA
MEMÓRIA DE UM LUGAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Ciências Geográficas da
Universidade Federal de Pernambuco, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para
a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dr^a. Edvânia Tôrres Aguiar
Gomes

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Júlia Caroline Araújo da .

Cartografia Social da comunidade Cosme e Damião no bairro da Várzea -
Recife: Representações espaciais da memória de um lugar / Júlia Caroline Araújo
da Silva. - Recife, 2024.

32 p. : il.

Orientador(a): Edvânia Tôres Aguiar Gomes

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia -
Bacharelado, 2024.

Inclui referências.

1. Cartografia social . 2. Memória . 3. Lugar . 4. Espaço urbano. I. Gomes,
Edvânia Tôres Aguiar. (Orientação). II. Título.

910 CDD (22.ed.)

JÚLIA CAROLINE ARAÚJO DA SILVA

**CARTOGRAFIA SOCIAL DA COMUNIDADE COSME E DAMIÃO NO
BAIRRO DA VÁRZEA - RECIFE: REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS DA
MEMÓRIA DE UM LUGAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Ciências
Geográficas da Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, como requisito para a obtenção
do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Edvânia Tôrres Aguiar Gomes (Orientadora)

Prof^º. Dr. Adalberto Antonio da Mota Correia
(Examinador Interno)

Prof^ª. Dr^ª. Mariana Zerbone Alves de Albuquerque
(Examinadora Externa)

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta significativa etapa da minha trajetória, gostaria de expressar a minha gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Em primeiro lugar, agradeço à minha família. Seu amor e suporte incondicional foram essenciais para que eu me desenvolvesse ao longo desses anos e cada incentivo, cada palavra de conforto e cada gesto de amor foram fundamentais para eu que pudesse superar os desafios que encontrei pelo caminho. Sou eternamente grata por estarem ao meu lado e por acreditarem em mim mesmo nos momentos difíceis.

Também gostaria de manifestar a minha gratidão às amigas que me acompanharam durante esta jornada. Vocês tornaram essa experiência ainda mais memorável e significativa, e sou grata por cada um de vocês. Aos funcionários da biblioteca do Centro de Tecnologia e Geociências - CTG da UFPE, lugar onde trabalhei como bolsista por dois anos, meus sinceros agradecimentos por todo carinho e suporte que recebi de vocês. Guardarei com muito carinho as memórias dos momentos de leveza, aprendizado e acolhimento que me proporcionaram.

Por último, mas não menos importante, agradeço aos moradores da comunidade Cosme e Damião. A recepção calorosa que me proporcionaram em suas casas, as entrevistas que gentilmente concederam e o tempo que disponibilizaram para compartilhar suas histórias foram fundamentais para a realização da minha pesquisa. Sua generosidade e abertura em me permitir conhecer suas vivências foram inspiradoras e essenciais para a compreensão da realidade que busquei retratar.

A todos vocês, dedico a minha profunda gratidão. Sem o apoio e a colaboração de cada um, este trabalho não teria se concretizado. Agradeço por todas as experiências e aprendizados que vivenciei ao longo desta jornada.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo elaborar uma cartografia social da comunidade Cosme e Damião, a partir das memórias dos moradores para representar espacialmente a história e a identidade do lugar. Para isso, foi necessário investigar a história oral dos moradores através de entrevistas induzidas, para compreender a origem e o desenvolvimento da comunidade, identificar os locais e pontos de interesse cultural, histórico e afetivo, realizar caminhadas *in loco* e registros fotográficos, analisar e interpretar os resultados das entrevistas, destacando os elementos que contribuem para a construção da identidade e sentido de pertencimento dos moradores. Os resultados alcançados consistem na organização e representação espacial das informações relatadas, informações estas que explicitam os desafios enfrentados pela população em função da carência de infraestruturas básicas na comunidade e suas respectivas táticas de sobrevivência. Desse modo, fica evidente a importância do resgate da memória nas pesquisas sociais sobre espaços urbanos.

Palavras-chave: Espaço urbano; memória; cartografia social.

ABSTRACT

This research aims to develop a social and affective cartography of the community Cosme and Damião, from the memories of residents to spatially represent the history and identity of the place. For this, it was necessary to investigate the oral history of residents through induced interviews, to understand the origin and development of the community, identify the places and cultural points of interest, historical and affective, to carry out walks in loco and photographic records, to analyze and interpret the results of the interviews, highlighting the elements that contribute to the construction of identity and sense of belonging of the residents. The results obtained consist in the organization and spatial representation of the reported information, which explains the challenges faced by the population due to the lack of basic infrastructures in the community and their respective survival tactics. Thus, the importance of memory retrieval in social research on urban spaces becomes evident.

Keywords: Urban space; memory; social cartography.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	Mapa de localização do Lot. Cosme e Damião e Lot. Vila Nova da Várzea	21
FIGURA 2 -	Planta do Lot. Vila Nova da Várzea do Camaragibe - São Lourenço da Mata 1964	22
FIGURA 3 -	Planta do Lot. Cosme e Damião - Recife 1971	22
FIGURA 4 -	Casa de taipa no Sítio Mesquita - Camaragibe 2024	23
FIGURA 5 -	Miniatura que representa as casas de taipa da comunidade Cosme e Damião	23
FIGURA 6 -	“Cacimbão” onde os moradores buscavam água	24
FIGURA 7 -	“Caixa d’água instalada no Sítio Mesquita para abastecer a comunidade de Cosme e Damião	25
FIGURA 8 -	Escola Municipal São Vicente de Paulo - Camaragibe 2004	26
FIGURA 9 -	Casa onde foi a primeira mercearia da comunidade	27
FIGURA 10 -	Espaço da residência onde o Partido dos Trabalhadores - PT foi fundado. Ao fundo aparece a primeira professora da comunidade, que alfabetizava crianças no quintal de uma casa de taipa	28
FIGURA 11 -	Mapa falado da história e evolução da comunidade Cosme e Damião com base nas memórias dos seus moradores e ex-moradores	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	METODOLOGIA	12
3	REVISÃO DE LITERATURA	15
3.1	A cartografia social como meio de representação espacial	15
3.2	A inter-relação entre memória e lugar	17
3.3	A espacialização da memória como ferramenta analítica	18
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
4.1	Trajetórias Iniciais: A formação da comunidade Cosme e Damião.....	20
4.2	O desenvolvimento comunitário em meio às dificuldades	24
4.3	A luta política da comunidade diante do abandono público	27
4.4	Cartografias da Memória: A produção de um mapa baseado nos relatos dos moradores	29
5	CONCLUSÃO	30
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como foco a produção de uma cartografia social da comunidade Cosme e Damião, investigando as representações espaciais da memória deste lugar. *No centro deste estudo encontra-se a seguinte problemática: como documentar, por meio da elaboração de um mapa, a história e identidade dessa comunidade, a partir das memórias dos seus moradores?* O interesse em compreender e mapear as narrativas afetivas e históricas dessa comunidade surge da constatação da escassez de registros oficiais ou documentações convencionais sobre o local, o que desperta a necessidade de recorrer à memória como fonte primária de informações. Assim, surge o objetivo geral do estudo, que é: *elaborar um mapa social da história e evolução da comunidade Cosme e Damião, baseado nas memórias e narrativas afetivas dos seus moradores e ex-moradores, a fim de documentar a história, identidade e desafios enfrentados pela comunidade, contribuindo, assim, para a preservação da memória local e promovendo uma melhor compreensão da realidade socioespacial do lugar.* Esse objetivo geral é, por sua vez, abraçado pelos seguintes objetivos específicos: **a)** Coletar e analisar as narrativas memorialísticas dos moradores da comunidade Cosme e Damião, identificando elementos-chave relacionados à origem, evolução e desafios enfrentados pela comunidade; **b)** Realizar a leitura dos temas pertinentes à pesquisa, a fim de contextualizar teoricamente o estudo e compreender a relevância do mapeamento das memórias coletivas como instrumento de análise para representar e interpretar as dinâmicas sociais e culturais da comunidade; **c)** Desenvolver um mapa que represente visualmente as representações espaciais da memória coletiva dos moradores e ex-moradores da comunidade.

A hipótese que norteia este trabalho sugere que a memória dos moradores pode revelar aspectos fundamentais para compreender a origem, evolução e desafios enfrentados pela comunidade de Cosme e Damião. Acredita-se que tais informações, muitas vezes ausentes nos registros oficiais, são essenciais para uma análise profunda e contextualizada da situação vivenciada pela população local. Além disso, sustenta-se que a cartografia social com base em memórias afetivas possa promover um maior senso de pertencimento e empoderamento entre os membros dessa comunidade.

A justificativa para esta pesquisa reside no contexto específico da comunidade Cosme e Damião, marcada pela carência de infraestrutura básica, o que impacta diretamente na qualidade de vida de seus moradores. Localizada em uma área limítrofe entre dois municípios importantes, Recife e Camaragibe, essa comunidade apresenta-se

como um objeto de estudo relevante para compreender os desafios do desenvolvimento urbano em regiões periféricas. A memória dos moradores emerge, assim, como uma ferramenta fundamental para preencher as lacunas deixadas pela falta de registros oficiais, permitindo uma análise mais abrangente e contextualizada da realidade local.

Diante desse cenário, a cartografia social revela-se como uma ferramenta poderosa para representar as múltiplas dimensões de um lugar, incluindo sua história, memória e identidade. Com isso, este estudo visa contribuir para a preservação e valorização da memória local, bem como promover uma compreensão mais profunda e significativa da comunidade Cosme e Damião.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo seguiu uma abordagem fenomenológica, que visa analisar a produção do espaço sob a ótica do subjetivismo social, ou seja, da construção do espaço conforme a percepção dos sujeitos sobre ele (Pereira, Lima e Paiva, 2016, p. 84). Os procedimentos metodológicos incluíram uma revisão de literatura, que se concretiza na exposição do pensamento de vários autores, fruto do esforço de pesquisa e análise da literatura sobre um tema previamente selecionado (Bufrem e Alves, 2020). Além disso, foram realizadas visitas a locais e instituições relevantes, entrevistas abertas, registros fotográficos e a criação de um mapa a partir das memórias dos entrevistados. Durante as visitas, foram observadas e registradas as características físicas do ambiente, a infraestrutura urbana e os pontos de interesse dos moradores. As visitas foram guiadas por uma ex-moradora, cujo conhecimento sobre a população local e intimidade com certas pessoas facilitaram o acesso a informações valiosas e detalhadas.

As visitas ao local foram realizadas entre os dias 03 e 04 de fevereiro de 2024. Dentre os pontos de interesse visitados, destacam-se:

1. Fundação do PT no município de Camaragibe:

- A casa onde o Partido dos Trabalhadores - PT, do município de Camaragibe, foi fundado;

2. Terreno do “Seu Português”:

- o maior do loteamento - que abrigava vacas e galinhas e era utilizado para o cultivo de frutas e verduras, tanto para consumo próprio quanto para venda na comunidade;

3. O “cacimbão”:

- isto é, uma cacimba onde os moradores da comunidade buscavam água para o consumo devido à falta de abastecimento de água encanada;

4. Escola municipal Vicente de Paulo:

- A primeira escola construída na comunidade - ainda na década de 1980;

5. A casa do “Seu Barbosa”:

- Local onde funcionou a primeira mercearia do lugar;

6. A caixa d’água no Sítio Mesquita:

- Ela é a responsável por abastecer a comunidade com água encanada;

7. Casa de taipa:

- A casa, ainda preservada no Sítio Mesquita, foi registrada para a pesquisa com o intuito de exemplificar como eram as primeiras residências da comunidade nos primeiros anos de sua formação.

Em 07 de fevereiro de 2024, ocorreu a visita ao Museu da Cultura Popular Vera Galvão, localizado em Camaragibe, município da Região Metropolitana de Recife - RMR. Durante a visita, foi possível conversar com uma ex-moradora da comunidade de Cosme e Damião que, por sua vez, leva o nome do museu por ter sido uma das organizadoras. Lá, foi possível fotografar uma réplica em miniatura de uma casa de taipa que era comum de se ver na comunidade desde os seus primórdios. Já nos dias 21 e 22 de fevereiro, as visitas aconteceram na prefeitura de Recife e Camaragibe, onde foi possível obter as cartas dos loteamentos Cosme e Damião e Vila Nova da Várzea. Essas cartas foram fundamentais para entender a distribuição territorial e as modificações urbanas da área.

As entrevistas abertas, por sua vez, desempenharam um papel crucial na coleta de dados qualitativos, proporcionando uma visão detalhada das histórias, memórias e experiências dos moradores. Segundo Minayo (1993), ao realizar entrevistas abertas, o pesquisador deve permitir que o entrevistado discorra livremente sobre o assunto, o que favorece a obtenção de um maior número e melhor detalhamento das informações. Os entrevistados, descendentes dos moradores originais que viveram na comunidade durante sua fundação na década de 1970, totalizam dez pessoas, sendo sete mulheres e três homens. Estes ofereceram, através dos seus relatos, perspectivas valiosas sobre a evolução e as transformações do lugar.

Os registros fotográficos realizados durante o processo documentaram visualmente aspectos significativos da comunidade, contribuindo para a criação de um arquivo visual que complementa as descrições orais e escritas obtidas nas entrevistas. Ademais, a revisão de literatura desempenhou um papel crucial na contextualização teórica da pesquisa, fornecendo subsídios conceituais para a análise dos dados coletados.

Já a confecção do mapa, ocorreu no dia 14 de março de 2024. O mapa foi um elemento central deste estudo, sendo elaborado no dia 14 de março de 2024, com a utilização de papel manteiga, lápis de cera e lápis hidrocor. A confecção do mapa, teve como única autoria o pesquisador, assim como a escolha dos pontos apontados nesta pesquisa como de interesse histórico e cultural também partiram da visão do mesmo. Isso se deve, sobretudo, à dificuldade de reunir um grupo de moradores que pudessem contribuir com esse aspecto e ao tempo limitado para a conclusão da pesquisa. Esse mapa não só documenta

fisicamente o espaço geográfico da comunidade, mas também agrega uma dimensão fenomenológica, capturando as trajetórias e histórias dos moradores através de uma representação visual. Assim, o mapa serve como um registro simbólico e concreto da história coletiva do grupo de moradores, imortalizando suas experiências e memórias no tecido cartográfico.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção, serão abordados diferentes tópicos que relacionam-se com a cartografia social e a memória, com o objetivo de evidenciar a importância dessas interações para o entendimento das dinâmicas sociais que moldam os espaços habitados, revelando como as experiências e as narrativas, tanto individuais quanto coletivas, podem transformar a representação geográfica e enriquecer o conhecimento sobre a identidade e a história das comunidades.

3.1 A cartografia social como meio de representação espacial

Muito antes do desenvolvimento da escrita e da fala, os seres humanos já utilizavam representações espaciais para entender e interagir com o mundo ao seu redor. Por meio de símbolos e desenhos, eles expressavam suas primeiras percepções da realidade, usando essas representações para delimitar e ocupar territórios. Sendo assim, há inúmeras maneiras de representar o espaço geográfico, como desenhos, fotografias, maquetes e, sobretudo, mapas.

A Cartografia, por sua vez, é a ciência que se dedica a representação gráfica da superfície terrestre (Bertin, 1967), resultando na criação de mapas que retratam a realidade de forma simplificada. Segundo Silva e Carvalho (p. 87), ao simplificar a realidade através de um mapa, o criador utiliza técnicas de desenhos e conhecimentos geométricos para representar objetos e fenômenos do espaço geográfico a partir de uma escala e de um ponto de vista específico. Desse modo, os mapas não são meros desenhos, eles são meios de comunicação que vão muito além da localização geográfica e, conforme o contexto, servem como instrumento de poder.

No que tange a temática da representação espacial, se faz imperioso, nesse âmbito, destacar que a Geografia é a ciência dedicada ao estudo do espaço. No entanto, é importante definir o conceito de “espaço”, especialmente quando se adota um enfoque fenomenológico. Assim, ao considerar tal abordagem, o espaço é concebido como “espaço vivido”, ou seja, ele vai além de suas dimensões físicas, sendo construído a partir das experiências e percepções dos indivíduos que o habitam. O "espaço vivido" resulta, portanto, das interações cotidianas, das experiências subjetivas e das relações emocionais e culturais que as pessoas estabelecem com os lugares (Kozel, 2004).

Essa noção de espaço como algo vivenciado e subjetivo está profundamente ligada às ideias de Merleau-Ponty (1999) que, por sua vez, argumenta que não há objeto (espaço) sem

sujeito (pessoa). Toda experiência espacial é mediada pela maneira como os indivíduos percebem e interagem com o espaço ao redor. Assim, a representação espacial deve ser entendida como uma tentativa de expressar essas experiências e percepções e não apenas como uma descrição técnica e objetiva de um território. A percepção espacial, portanto, está sempre imbuída da subjetividade do observador, tornando a representação do espaço um processo dinâmico e relacional.

Nesse sentido, a representação espacial é entendida como uma construção tanto individual como social, compostas por imagens formadas a partir das experiências no espaço. Kozel (2004) destaca que tal representação é dinâmica, subjetiva e contextualizada, refletindo as experiências temporais e espaciais dos sujeitos. Ademais, qualquer representação espacial deve levar em conta a dimensão temporal, uma vez que a experiência de um lugar está sujeita a transformações ao longo do tempo (Tuan, 1977).

Tradicionalmente, a cartografia foi dominada por mapas temáticos que ofereciam representações objetivas do espaço. No entanto, esses mapas, embora úteis, constituem formas de comunicação massiva que não permitem aos receptores participarem ativamente na construção de tais representações. Enquanto mídias unidimensionais, esses mapas difundem visões do espaço que frequentemente reproduzem ideologias dominantes e perspectivas centralizadas (Kozel, 2004).

Em vista disso, novas abordagens cartográficas emergem, com o objetivo de contrapor as formas de representações dominantes. Nesse contexto, a cartografia social resgata a experiência cotidiana e pessoal, criando representações que valorizam as percepções individuais e subjetivas do espaço (Seemann, 2010).

Dessa forma, a representação espacial vai além da objetividade técnica, englobando as experiências vividas e subjetivas que oferecem uma compreensão mais rica e complexa das interações entre os seres humanos e os lugares que habitam. A cartografia, como ferramenta de representação, evolui para incluir não apenas as dimensões físicas e objetivas do espaço, mas também as percepções, emoções e relações pessoais, permitindo uma leitura mais ampla do espaço e de suas representações.

3.2 A inter-relação entre memória e lugar

Conforme os estudos de Le Goff (1990) e Halbwachs (2003), o conceito de memória extrapola a sua dimensão biológica e se insere como uma categoria social, capaz de construir interpretações do passado e consolidar identidades. A memória, nesse sentido, não é apenas

individual, mas coletiva, sendo constantemente moldada pelas interações sociais que os indivíduos estabelecem.

Segundo Halbwachs (2003), ainda que as lembranças sejam únicas para cada pessoa, elas são construídas a partir de categorias sociais partilhadas, o que faz com que as memórias individuais coincidam frequentemente com as memórias dos grupos a que pertencem. Essa memória coletiva está profundamente entrelaçada com o espaço, sendo impensável sem um contexto espacial, como afirma o autor ao destacar que “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial” (Halbwachs, 2003, p. 170).

O conceito de lugar, por sua vez, é concebido como um espaço carregado de significados, experiências e emoções. Para Tuan (*apud* Holzer, 2008), o lugar se constitui como símbolo, enraizado no passado e projetado para o futuro. Nesse sentido, o lugar é vivenciado não apenas de forma física, mas emocional, estabelecendo-se como palco das relações sociais e pessoais. Holzer (1997) complementa essa visão ao destacar o papel do corpo em sua interação com o exterior, em uma relação intersubjetiva permeada por valores, significados e experiências.

Ao conectar o conceito de lugar com a memória, os estudos geográficos revelam a importância de evocar lembranças para reinterpretar fatos e acontecimentos que compõem o lugar e seus sujeitos. Essa relação é fundamental para revisitar o passado e compreender como ele molda o presente, tal como descrito por Melo (2012), que aponta a memória coletiva como um instrumento para redescobrir lugares outrora vividos.

Entretanto, como destaca Bosi (2010), a memória não traz o passado tal como aconteceu, mas o reconstrói de acordo com as percepções e experiências atuais. Essa reconstrução é essencial para entender os lugares, pois a memória individual e coletiva molda a forma como o passado é narrado e compreendido. Sob essa perspectiva, Delgado (2006) enfatiza que o processo de recordação envolve lapsos, omissões e reinterpretações, que, embora não reproduzam fielmente o passado, contribuem para reconstituí-lo a partir da visão de cada indivíduo.

Dessa forma, o estudo do lugar na geografia se enriquece ao integrar a memória como um componente fundamental, permitindo uma leitura mais profunda dos espaços e das experiências que neles constroem. Ao incorporar as lembranças, tanto individuais quanto coletivas, é possível compreender como os sujeitos ressignificam e transformam os lugares ao longo do tempo.

3.3 A espacialização da memória como ferramenta analítica

A espacialização da memória é uma abordagem analítica fundamental para a compreensão de comunidades, seus traços culturais e identidades locais. A memória dos habitantes de um determinado lugar pode fornecer insights valiosos, frequentemente inatingíveis por métodos de investigação tradicionais. Como enfatizado por Fortunato et al. (2004, p. 28), a memória coletiva é uma fonte rica de informações que pode auxiliar na revelação de aspectos da vida comunitária, trazendo à luz narrativas e vivências que, de outra forma, poderiam permanecer ocultas.

Nesse contexto, a produção de mapas que refletem a representação espacial da memória é uma ferramenta poderosa para análises mais profundas e abrangentes. Monmonier (1993, p. 3 apud Seemann, 2002, p. 45) ressalta que, apesar do texto descritivo ter sua força na descrição e discussão de fontes e eventos, ele frequentemente se limita a uma estrutura linear que pode ser “penosamente insuficiente” para discutir a complexidade dos lugares e suas relações espaciais. Portanto, a organização das informações em duas dimensões, por meio de mapas, emerge como uma necessidade premente para capturar a riqueza da realidade socioespacial (Seemann, 2002, p. 45).

A memória, ao ser utilizada como ponto de partida para a espacialização de informações, não apenas enriquece a representação do espaço, mas também estimula novas lembranças e reflexões sobre a identidade local. Samuel (s.d., apud Thompson, 1998, p. 239-240) argumenta a favor do remapeamento da história de comunidades locais, uma prática que não só amplia a visão crítica sobre a realidade, mas também fortalece a identidade comunitária. A afirmação de que “o mapa é um estímulo muito poderoso para a memória e a construção da identidade” (Seemann, 2002, p. 48) reforça essa perspectiva.

A cartografia, especialmente a cartografia social, se destaca como um método alinhado às prerrogativas das pesquisas sociais qualitativas e fenomenológicas. A cartografia social, como explicam Faria e Neto (2006, p. 25), é uma representação do espaço que permite discutir aspectos variados da realidade através de desenhos e imagens que emergem das narrativas coletivas. Essa abordagem não só serve como um registro documental para a posteridade, mas também promove uma reflexão sobre a realidade socioespacial, permitindo a compreensão da evolução histórica do lugar e a percepção de cenários futuros.

Os elementos que compõem o mapa são representações significativas destacadas pelo grupo durante as discussões, que podem incluir escolas, rios, caixa d’água e estradas, entre outros (Faria; Neto, 2006, p. 25). Nesse sentido, a memória desempenha um papel essencial

como ferramenta analítica nos estudos socioespaciais. Ao incorporar narrativas pessoais e coletivas, essa abordagem oferece uma perspectiva única e multifacetada sobre a interação entre sociedade e espaço.

É fundamental destacar que a memória individual, muitas vezes relegada a “memórias subterrâneas” (Pollak, 1989, p. 4) de culturas minoritárias, dominadas ou sem voz na sociedade, merece atenção especial. Autores como Thompson (1998) e Bosi (1994) dedicam-se a explorar essas memórias, valorizando-as como partes integrantes da narrativa histórica mais ampla e ressaltando a importância de se dar voz àqueles que, de outra forma, ficariam à margem do discurso hegemônico.

Dessa forma, a espacialização da memória se apresenta não apenas como uma técnica de representação, mas como uma prática de resistência e afirmação identitária, que possibilita a construção de um conhecimento mais inclusivo e representativo das diversas realidades que compõem a experiência humana.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

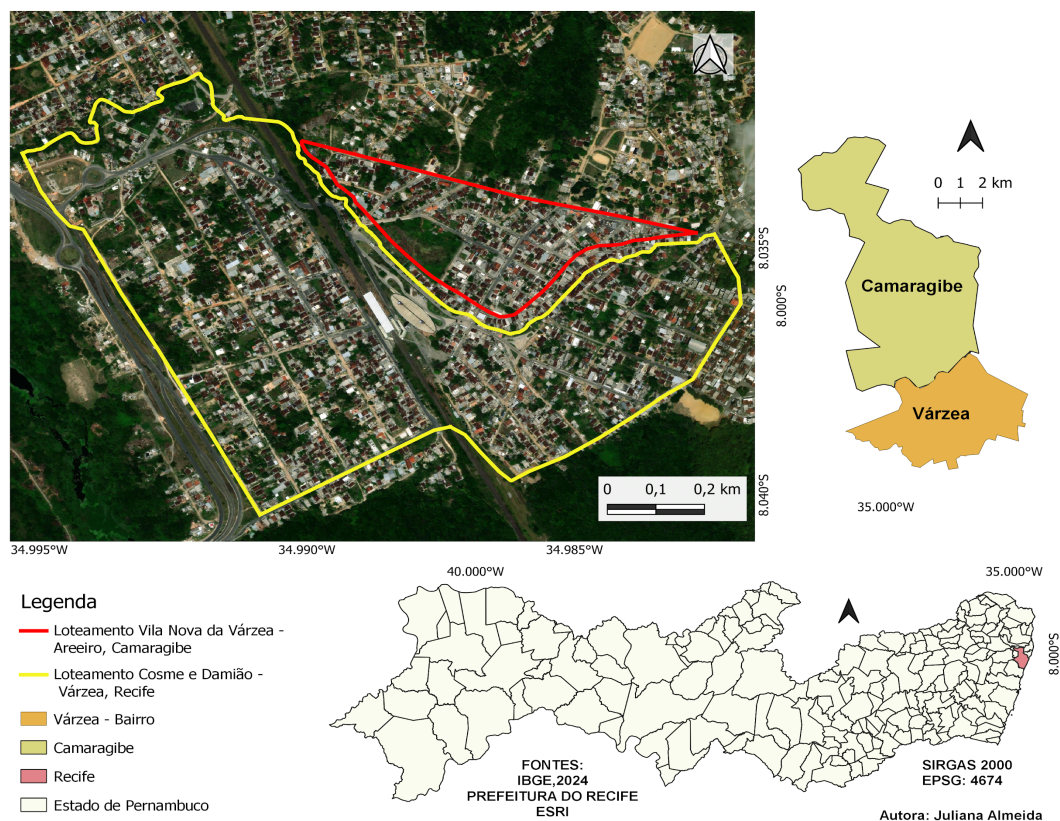
Nesta seção, serão apresentadas as informações obtidas por meio das entrevistas abertas realizadas com os moradores da comunidade Cosme e Damião. É importante destacar que, segundo os registros oficiais, existem dois loteamentos distintos: o Vila Nova da Várzea, localizado no bairro do Areeiro em Camaragibe, e o loteamento Cosme e Damião, situado no bairro da Várzea em Recife. No entanto, os moradores de ambos os loteamentos se identificam como pertencentes à comunidade Cosme e Damião. Por esse motivo, a denominação "comunidade Cosme e Damião" foi adotada para facilitar a caracterização territorial da pesquisa.

Ademais, a produção do mapa a partir da memória dos moradores, foi elaborado pelo pesquisador, assim como a escolha dos pontos considerados de interesse histórico e cultural também partiram da visão do mesmo. Isso se deve, sobretudo, ao tempo escasso para a conclusão da pesquisa e a dificuldade em reunir um grupo de moradores para realizar a produção do mapa coletivamente.

4.1 Trajetórias Iniciais: A formação da comunidade Cosme e Damião

Segundo os relatos dos moradores, a área dos loteamentos Cosme e Damião e Vila Nova da Várzea era originalmente coberta por vegetação, pois estava inserida no que se compreende por Mata do São João da Várzea. Esta área abrange cerca de 64,52 hectares e foi titulada como Refúgio de Vida Silvestre - RVS em 2011, por meio da Lei nº 14.324, além de compreender uma parte da bacia hidrográfica do rio Capibaribe e ser constituída pelo bioma Mata Atlântica. A unidade de conservação é também conhecida localmente como "Mata de Brennand", em referência à sua condição de reserva ambiental particular, cujos proprietários são a família Brennand, grandes investidores nos setores industrial, imobiliário e cultural do estado de Pernambuco.

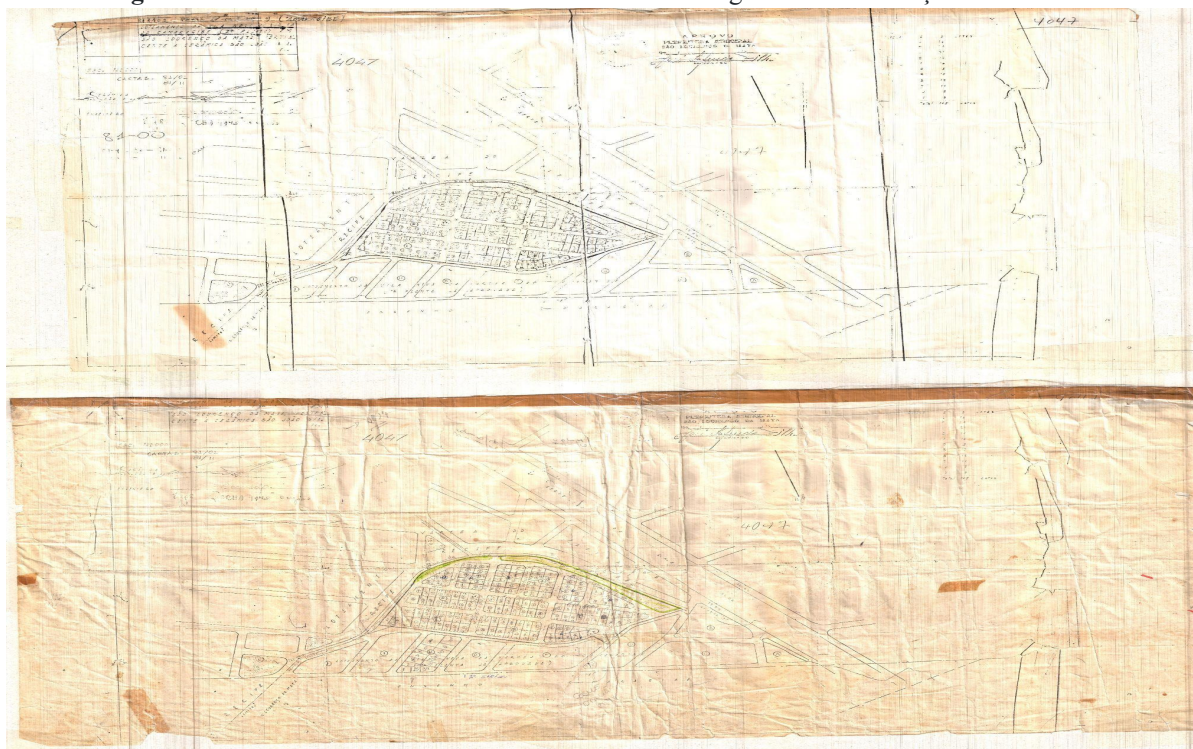
Figura 1: Mapa de localização do Lot. Cosme e Damião e Lot. Vila Nova da Várzea



Fonte: Juliana Almeida, 2024

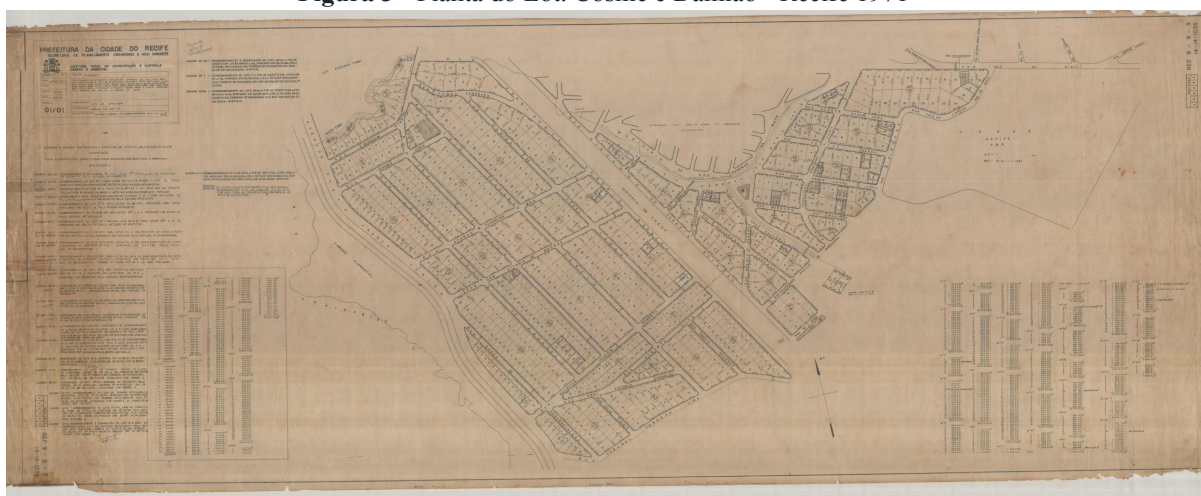
Na década de 1960, com o desmatamento de uma porção da Mata do São João da Várzea, iniciou-se o processo de loteamento da terra, levando à formação da comunidade Cosme e Damião. De acordo com registros oficiais, foram realizados dois loteamentos na área: o primeiro, denominado Vila Nova da Várzea do Camaragibe, em 1964; e o segundo, chamado Santos Cosme e Damião, em 1971. Ambos pertencem à Cerâmica São João S/A, com o projeto assinado pelo empresário Ricardo Coimbra de Almeida Brennand. Apesar de só haver um loteamento Cosme e Damião, os moradores do loteamento Vila Nova se consideram habitantes de “Cosme e Damião”, pois o lugar era assim denominado pelos primeiros habitantes. Dessa forma, os moradores do loteamento Vila Nova aprenderam, através da oralidade, a reconhecer o local como tal.

Figura 2 - Planta do Lot. Vila Nova da Várzea do Camaragibe - São Lourenço da Mata 1964



Fonte: Digitalização cedida pela Prefeitura de Recife, 2024

Figura 3 - Planta do Lot. Cosme e Damião - Recife 1971



Fonte: Digitalização cedida pela Prefeitura de Recife, 2024

Com a criação do loteamento e a comercialização dos terrenos, muitas pessoas começaram a habitar o local, sendo muitos deles funcionários e ex-funcionários da oficina de Cerâmica São João S/A. Nesse período, as condições de vida eram bastante precárias, com pouca infraestrutura e acesso limitado a serviços básicos. As primeiras casas eram construídas, em sua maioria, de taipa, refletindo as dificuldades enfrentadas pelos primeiros moradores. *Na época do regime militar, as pessoas da comunidade construíam as suas casas de taipa por não possuir recursos suficientes, eles faziam uma puxada, uma varanda, um banheiro a mais* (informação verbal, 2024).

Figura 4 - Casa de taipa no Sítio Mesquita - Camaragibe 2024



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Figura 5 - Miniatura que representa as casas de taipa da comunidade Cosme e Damião



Fonte: Museu da Cultura Popular Vera Galvão, 2024

4.2 O desenvolvimento comunitário em meio às dificuldades

No início, também não havia luz elétrica e água encanada na comunidade. Forçando os moradores a utilizarem candeeiros para iluminar suas casas durante a noite e a cavar poços para extrair água para o consumo. Alguns moradores dispunham de cacimbas em suas casas, no entanto, muitas delas apresentavam escassez de água em determinadas épocas do ano, enquanto outros possuíam cacimbas de maior porte, nas quais a água se encontrava sempre disponível. *Eram dois cacimbão que tinha e não faltava água lá não, na casa de papai tinha uma cacimba, mas no verão faltava água porque muita gente ia buscar água lá, aí no verão a gente ia buscar água no cacimbão* (informação verbal, 2024).

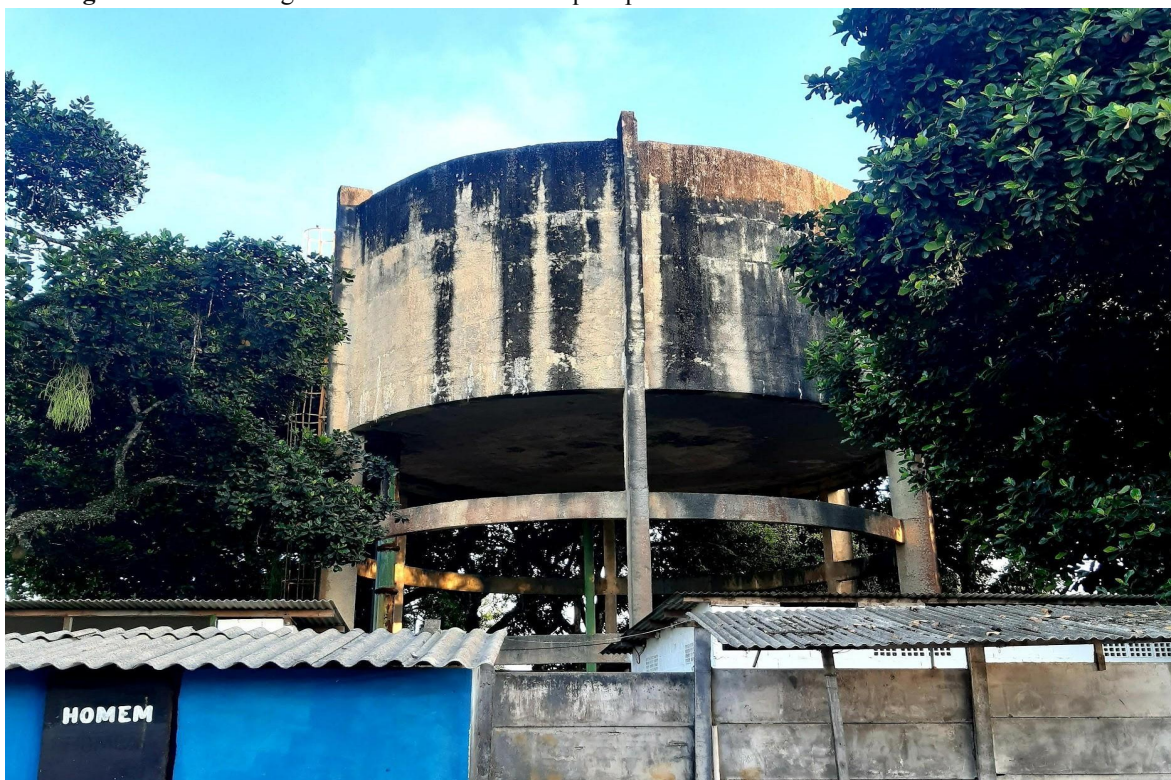
Figura 6 - “Cacimbão” onde os moradores buscavam água



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Ao longo das décadas seguintes, a comunidade passou por um processo de desenvolvimento significativo. Na década de 70, ocorreu a chegada da eletricidade e a construção de uma estação de tratamento de água no bairro do Viana, no município de Camaragibe, possibilitando a instalação de uma caixa d'água para abastecer a comunidade Cosme e Damião no início dos anos 80. No entanto, a caixa d'água foi instalada em uma comunidade vizinha, o Alto da Mesquita, cujas terras pertenciam às famílias Amazonas e Correia Araújo.

Figura 7 - Caixa d'água instalado no Sítio Mesquita para abastecer a comunidade Cosme e Damião



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Já na metade da década de 80, a principal rua da comunidade Cosme e Damião, a rua Avenida Portugal, foi asfaltada pela gestão de Carlos Lapenda, primeiro prefeito de Camaragibe após a emancipação do município de São Lourenço da Mata, em 1982. Este foi um marco importante na história da comunidade, pois facilitou o acesso ao centro de Camaragibe e promoveu uma maior integração com a cidade. *Antes disso, os moradores precisavam se deslocar a pé para fazer compras e o calçamento proporcionou uma melhor qualidade de vida para os habitantes* (informação verbal, 2024). Além da rua Avenida Portugal, a comunidade contava com mais duas vias de acesso, sendo uma delas a rua Vale do Siriji, ligando-a ao UR-7, localizado no bairro da Várzea, na porção oeste do Recife, e a rua do Guarani, que atravessa o Jardim Teresópolis, também no bairro da Várzea, até chegar no centro de Camaragibe.

Ainda nos 80, foi estabelecida a primeira escola da comunidade, a escola municipal São Vicente de Paulo, que oferecia educação apenas até o ensino fundamental. Antes do surgimento da escola, havia uma moradora que alfabetizava as crianças da comunidade no quintal de uma casa de taipa. A comunidade também carecia de serviços de saúde, e para contornar essa realidade, um morador que trabalhava no hospital Getúlio Vargas, em Recife, conseguia remédios através dos fornecedores do hospital para revendê-los à

vizinhança. *Lá se vendia sonrisal, dipirona, merthiolate, cibalena, cibazol, era como se fosse a farmácia do lugar* (informação verbal, 2024).

Figura 8 - Escola Municipal São Vicente de Paula - Camaragibe, 2024



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

A vida na comunidade de Cosme e Damião era marcada por uma forte identidade comunitária. Os moradores cultivavam práticas tradicionais, como a agricultura familiar e a criação de animais, e mantinham vínculos estreitos com seus vizinhos. O morador que possuía o maior terreno do loteamento criava galinhas e vacas, e as pessoas iam até o local para comprar leite para o consumo. *Quando eu era menino, eu acordava às 5h da manhã para comprar leite fresco junto com papai* (informação verbal, 2024). Além disso, a comunidade também era desprovida de mercados. *Ainda na década de 80, não havia mercadinhos na comunidade, apenas mercearias e vendas, além de depósitos de pães que eram abastecidos pelos pães fabricados em Camaragibe* (informação verbal, 2024)

Figura 9 - Casa onde foi a primeira mercearia da comunidade - Camaragibe 2024



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

4.3. A luta política da comunidade diante do abandono público

Os laços sociais e a coesão comunitária se mostram, não apenas por suas estratégias de suprir as necessidades básicas de sobrevivência, como moradia, alimentação, educação, saúde e etc, mas também pela organização em prol da luta por melhores condições de vida. Jovens da comunidade participavam do movimento Encontro de Irmãos, ligado à arquidiocese de Recife e Olinda. *A gente fazia reflexão do evangelho baseado na realidade de hoje, e se Jesus estivesse aqui, será que ele ia gostar do que tem na comunidade? Então a gente saiu de casa em casa pra perguntar quais eram as maiores dificuldades* (informação verbal, 2024). Também foi na comunidade que o Partido dos Trabalhadores - PT de Camaragibe foi fundado. *Fundamos o partido dos trabalhadores de Camaragibe aqui, nessa casa, nesse espaço* (informação verbal, 2024). Diante disso, a militância foi se desenvolvendo e buscando soluções para a comunidade.

Figura 10 - Espaço da residência onde o Partido dos Trabalhadores - PT foi fundado. Ao fundo aparece a primeira professora da comunidade, que alfabetizava crianças no quintal de uma casa de taipa.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Diante do exposto, é possível traçar uma discussão ampla sobre a evolução da comunidade Cosme e Damião ao longo do tempo, bem como destacar aspectos importantes relacionados à sua identidade, memória coletiva e lutas sociais. Primeiramente, a transformação da paisagem natural, marcada pelo desmatamento para fins de loteamento, evidencia não apenas mudanças físicas, mas também socioeconômicas na região.

O processo de loteamento e ocupação da terra, iniciado na década de 60, promovido pela família Brennand, evidencia a relação entre o desenvolvimento urbano e a atividade econômica local. No entanto, é importante ressaltar que o início da ocupação foi marcado por condições precárias de vida, com falta de infraestrutura básica, como eletricidade e água encanada, refletindo desafios enfrentados por comunidades em processo de urbanização.

A progressiva melhoria das condições de vida ao longo das décadas seguintes

5 CONCLUSÃO

Ao concluir esta pesquisa sobre a produção da cartografia social da comunidade Cosme e Damião, é possível reiterar a importância vital do resgate da memória e da cartografia social para compreender a identidade e os desafios enfrentados por essa comunidade ao longo do tempo. Inicialmente, a escassez de registros oficiais sobre o local destacou a necessidade de recorrer às memórias dos moradores como fonte primária de informações, destacando sua importância como ferramenta de resgate e preservação da história local.

A discussão realizada ao longo deste trabalho revelou aspectos fundamentais da evolução da comunidade Cosme e Damião, desde sua transformação paisagística até as lutas sociais e a busca por melhores condições de vida. As condições precárias de vida no início da ocupação refletiam os desafios enfrentados por comunidades em processo de urbanização, ressaltando a importância da infraestrutura básica para o desenvolvimento humano.

Contudo, ao longo das décadas, a progressiva melhoria das condições de vida evidenciou a resiliência e a organização comunitária dos moradores, que ativamente se envolveram na busca por melhores condições de vida. Nesse contexto, nota-se os desafios enfrentados pelas populações esquecidas pelo poder público desde a sua gênese.

Assim, além de traçar um panorama histórico dos desafios enfrentados pela comunidade e suas estratégias e táticas de sobrevivência, a cartografia social emerge como uma ferramenta poderosa para representar os aspectos afetivos e identitários do lugar. Para que, dessa forma, a população consiga se enxergar através do seu passado para se planejar para o futuro.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A. Sobre a memória das cidades. *In*: FRIDMAN, F; HAESBAERT, R. **Escritos sobre espaço e história**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p. 27-54.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BUFREM, L. S.; ALVES, E. C. **A dinâmica da pesquisa em Ciência da Informação**. Paraíba: Editora UFPB, 2020.
- COSTA, A. P. R. da. LUGAR E MEMÓRIA: A VIDA CANGACEIRA DO BANDO DOS MARCELINOS EM BARBALHA - CE. *Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS), [S. l.]*, v. 22, n. 1, p. 52–67, 2020. DOI: 10.35701/rcgs.v22n1.413. Disponível em: [//rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/413](http://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/413). Acesso em: 30 set. 2024.
- DOS SANTOS, O. A. A. Reflexões sobre memória e espaço geográfico a partir de uma perspectiva histórico-materialista: Reflections on memory and the geographical space from a historical-materialist perspective. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 42, n. 01, 2022. DOI: 10.5216/bgg.v42.65778. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/65778>.
- FARIA, A. A. da C.; FERREIRA NETO, P. S. **Ferramentas de diálogo**: qualificando o uso das técnicas de diagnóstico rural participativo. Brasília: Instituto Internacional de Educação do Brasil - Ieb, 2006.
- HALBWACHS, M. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2003.
- HOLZER, W. A GEOGRAFIA HUMANISTA: UMA REVISÃO. **Espaço e Cultura**, [S. l.], n. 3, p. 8–19, 2013. DOI: 10.12957/espacoecultura.1997.6707. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/6707>. Acesso em: 2 out. 2024.
- LE GOFF, J. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.
- MALANSKI, L. M. Geografia humanista: percepção e representação espacial. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, n. 52, p. 29-50. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4517/451744543002.pdf>. Acesso em: 10. mar. 2024.
- RUSCHEINSKY, A.; FORTUNATO, E. A história oral na pesquisa social sobre espaço urbano. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, [S. l.], v. 16, p. 25–36, 2007. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/408>.
- SEEMANN, J. O espaço da memória e a memórias do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS), [S. l.]**, v. 4, n. 1, 2012. Disponível em: <http://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/77>.
- SILVA, C. N.; CARVALHO, J. dos S. A representação espacial e a linguagem cartográfica. **Revista GEOMAE - Geografia, meio ambiente e ensino**, Paraná, v. 2, n. 2, p. 85-106,

2011. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/geomae/article/view/5788/3812>. Acesso em: 30 set. 2024.

SEEMANN, J. **Carto-Crônicas**: uma viagem pelo mundo da cartografia. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: EDUEL, 2008.

WERLANG, M. T.; LOMBARDI, B. V. N.; VANDERLINDE, T. A história oral e a memória na ciência geográfica: : o caso dos imigrantes haitianos em Cascavel, PR. **Terr@ Plural**, [S. l.], v. 16, p. 1–10, 2022. DOI: 10.5212/TerraPlural.v.16.2220698.040. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/20698>.